

## Apresentação do dossiê Relatos de Viagem

Profª Drª Stella Maris Scatena Franco\*

As viagens, sabemos, guardam múltiplos significados. Podemos entendê-las de forma mais objetiva, como o ato de deslocar-se espacialmente, sob certas condições concretas, levando em consideração os recursos disponíveis e o arsenal tecnológico existente num determinado período. Esta dimensão revela principalmente as condições materiais que envolvem as viagens. Em outra acepção, são compreendidas como oportunidades para que os viajantes expressem representações construídas sobre o “Outro”, que ora é descrito de forma positiva, ora negativa, o que, em regra, se faz para julgar, discriminando ou valorizando as populações dos países conhecidos. Neste ato, parece estar sempre implicado o jogo de relações entre identidade (o que é da cultura do viajante) e alteridade (aquilo que é percebido como “corpo estranho” no espaço visitado). Num terceiro viés, elas podem ainda motivar uma experiência transcendente do ponto de vista individual, por representarem um caminho para o conhecimento ou o alargamento de horizontes.

Mais conectada com esta última dimensão, a escritora e crítica literária argentina Beatriz Sarlo, a seu modo, definiu as viagens de forma intrigante. Ela as entende como “saltos fora do programa”. Para explicar esta ideia utilizou como exemplo uma situação vivenciada pessoalmente. Encontrava-se em Viena, em 1995, e ansiava conhecer a Igreja de São Leopoldo, que tem, nas proximidades, um hospital psiquiátrico. Ao final da visita, depois de observar todos os detalhes arquitetônicos do monumento, já fechada a Igreja, andou por suas dependências externas, quando se deu conta de estar sendo seguida por um paciente do hospital das adjacências. Este tocou-lhe o ombro, sumindo depois de ambos trocaram olhares. Esta é uma das lembranças evocadas em seu livro *Viajes*, que serve de pretexto para a autora elaborar sua concepção sobre o “viajar”. Sarlo defende que:

Se viaja buscando esa intensidad de la experiencia, algo que asalta de modo inesperado y original, fuera de programa y, por lo tanto, imposible de ser

---

\*Professora do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Stella Maris Scatena Franco

integrado en una serie... No pasa por el discurso, sino por el cuerpo. Es inesperada, pero sin embargo toda la tarde me había preparado para un suceso que no sabía que podía ocurrir... No era una aventura, sino un acontecimiento... Actuaba fingiendo que reconocía todo, que todo me resultaba familiar porque antes lo había visto en los libros. Pero algo saltó fuera de programa.<sup>1</sup>

Todas as acepções mencionadas acima são válidas como possibilidades de análise. As duas primeiras são mais comuns e apropriadas à construção historiográfica. Pretendi, no entanto, incorporar também a terceira perspectiva nesta *Apresentação*, por acreditar que a forma encontrada por Sarlo para definir “viagem” representa muito bem o processo que levou à elaboração deste dossiê: um “salto fora do programa”.

No segundo semestre de 2016, ministrei uma disciplina optativa sobre o tema das viagens para alunos e alunas de graduação do Departamento de História da USP. Vinha finalizando a pesquisa que resultou em minha Tese de Livre-Docência.<sup>2</sup> A turma não era tão numerosa, mas os presentes se mostraram muito envolvidos. Nas aulas, pude compartilhar leituras teóricas que vinha fazendo para a realização da Tese. As discussões brotavam nos seminários de textos em um diálogo coletivo, um verdadeiro laboratório de ideias. Também realizamos análises de excertos de relatos, procurando entendê-los como fontes históricas e buscando utilizar os textos teóricos como ferramentas que ajudavam na interpretação daqueles documentos. Como trabalho final, solicitei uma análise de um relato de viagem de livre escolha dos(as) alunos(as). Ele devia ser lido como fonte histórica e, além disso, ser analisado a partir das chaves interpretativas presentes nos textos teóricos, da mesma maneira como havíamos “testado” com os excertos em sala de aula.

---

<sup>1</sup>SARLO, Beatriz. *Viajes: De la Amazonia a Malvinas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Seix Barral, 2014, pp. 13-14.

<sup>2</sup>FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e relatos: materialidade e representações nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Editora Intermeios, 2018.

Não estava previsto, mas ocorreu-me abrir a possibilidade, aos que desejassem, de entregarem o trabalho em formato de artigo, sugerindo, inclusive, que mandassem para a *Epígrafe* – revista de alunos do Departamento de História –, para a qual eu já havia colaborado algumas vezes como parecerista. Para a minha grata surpresa, um dos editores da Revista – José Bento Camassa – era um dos alunos do curso. Foi de uma conversa nossa que a ideia deste dossiê surgiu, como um verdadeiro e feliz “salto fora do programa”. O número ora apresentado reúne alguns trabalhos selecionados no processo avaliativo da disciplina mencionada.

Os artigos se concentram em relatos produzidos por autores de diferentes nacionalidades, que realizaram viagens para destinos também variados durante os séculos XIX e XX.

No artigo de Isabel Filier de Oliveira somos apresentados a um intrigante diário produzido no contexto da Guerra Anglo-Zulu (1879), na África do Sul, pelo comerciante holandês Cornelius Vijn e traduzido em 1880 pelo bispo britânico John William Colenso. Intitulado *Cetshwayo's Dutchman*, o livro passa uma visão positiva sobre o monarca zulu Cetshwayo kMpande, com o objetivo de rebater a imagem pejorativa que o oficial britânico, Sir Bartle Frere, tinha construído sobre ele. Frere tinha sido designado para efetivar planos britânicos que auxiliassem na exploração de diamantes na região, o que tornou a relação entre ingleses e zulus bastante tensa. Dessa maneira, atacar o monarca zulu, caracterizando-o como “bárbaro”, era uma estratégia para efetivação dos planos políticos e econômicos britânicos na porção sul-africana. Mas o relato aqui analisado fazia justamente o contrário: defender o monarca zulu dessas críticas. Os enfoques que a autora dá ao interpretar esta guerra de imagens positivas e negativas projetadas sobre o monarca zulu recaem sobre a questão fronteiriça (se Cetshwayo teria ou não sido responsável pela instabilidade na região, como era alegado pelo britânico Frere); o caráter da luta do monarca na Guerra Anglo-Zulu, apontada no relato analisado como “justa e honrada”; e a crítica feita aos missionários, que teriam divulgado histórias atrozmente supostamente cometidas por Cetshwayo, como a de

assassinatos em massa de africanos convertidos. Esse intrincado jogo de representações é analisado por Filier.

Graziela Mazzeo Madeira analisa relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX, com o intuito de investigar a utilização, por estes viajantes, dos guias de viagem, frequentemente citados em seus relatos. A autora incorporou à pesquisa 14 relatos de viajantes de diferentes países da América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba e México), que visitaram a Alemanha, a Espanha, a França, a Grécia, a Inglaterra, e Itália os Estados Unidos. Segundo Mazzeo, os guias, quando lidos pelos viajantes, “preparavam seus olhares através da descrição prévia dos locais e possibilitavam maior independência, visto que, por meio desses materiais, os indivíduos podiam criar seus próprios roteiros de viagem”. Mas o estudo também conclui que havia uma diversidade grande de tipos de impressos que serviam como guias, e que suas funções foram variadas. O artigo traz ainda uma interessante síntese bibliográfica sobre trabalhos voltados para os guias turísticos.

Milan Puh trata de relatos de croatas, relacionados à história da imigração desse grupo para o Brasil, entre 1890 e a segunda década do século XX. O primeiro texto foi produzido por um grupo de imigrantes croatas em Minas Gerais, tendo sido publicado por uma companhia de propaganda de navegação; o segundo é um relato de um imigrante-regressado, que voltou de São Paulo para a Croácia em situação desfavorável; o último é um texto escrito por dois irmãos, os Seljan, contratados pelo governo brasileiro para mapearem a região do Mato Grosso. De acordo com o autor, apesar das diferenças entre as três narrativas, as relações entre alteridade e identidade perpassam todos os textos. Tendo essa ideia como premissa, afirma que “a construção do outro e de si é um elemento fundamental para a criação desses relatos”.

Por fim, Edson Bossonaro Júnior toma como fontes os textos de viagem de um norte-americano, Thomas Russell Ybarra, enviado como correspondente do *The New York Times* para

diferentes países da América Latina no final dos anos 1930, momento da chamada Política de Boa-Vizinhança. A preocupação principal era averiguar o crescimento do nazi-fascismo no continente. Entre 1938 e 39 o autor percorreu 13 países da América do Sul e da América Central, publicando suas impressões no aludido periódico. Na primeira parte, Bossonaro trata da questão identitária de Russell Ybarra, cuja família paterna era proveniente da Venezuela. Na sequência, analisa mais propriamente os relatos sobre a América do Sul, enfocando a passagem pelo Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Peru, nos quais são destaques temas como a influência nazista, o anti-americanismo, as relações comerciais e o nacionalismo. O último item compõe uma análise do relato sobre países da América Central, tendo o viajante revelado que a presença norte-americana na região significava uma situação de vantagem, uma vez que a supremacia norte-americana podia representar um anteparo à ameaça nazista. Este artigo está conectado com as produções que analisam as representações dos norte-americanos sobre a América Latina como parte importante da construção de uma cultura imperial.

Os textos apresentados neste dossiê, apesar de serem voltados para temáticas específicas (dominação inglesa na África; guias turísticos que circularam entre América e Europa; imigração croata; Política da Boa Vizinhança), têm em comum o fato de tomarem relatos de viagem como fontes históricas, analisando-os a partir de uma perspectiva crítica e com o amparo de aportes teórico-metodológicos caros aos estudos de viagem, como os textos de Mary Louise Pratt, François Hartog, Edward Said e Tzvetan Todorov. Estes trabalhos atentam para a necessidade de se buscar as intencionalidades presentes nos discursos, seus lugares de enunciação, as vinculações dos autores com as instituições e os núcleos de poder. Em suma, todos, de alguma maneira, alertam para a necessidade de se desconfiar de uma suposta neutralidade dos relatos, ainda que muitas vezes os viajantes tenham se colocado como imparciais e como meros narradores da experiência testemunhada. Nos artigos desta coletânea, a ideia da neutralidade do discurso não está presente, sendo a leitura crítica prevalecente.

Stella Maris Scatena Franco

Enquanto exercício acadêmico, a publicação da *Revista Epígrafe* é uma iniciativa rica e louvável de parte dos alunos de graduação do Departamento de História, que se dedicam, em tempos tão penosos em vários âmbitos, incluindo o da produção científica, a elaborar um pensamento crítico e contestador das verdades estabelecidas como imutáveis e inquestionáveis. Espero que este dossiê – primeiro da Revista – ajude a manter viva esta chama.

Stella Maris Scatena Franco

São Paulo, fevereiro de 2018